

A INVISIBILIDADE DOS FUNCIONÁRIOS DA ESCOLA E SEUS IMPACTOS NA CONSTRUÇÃO DE UMA EDUCAÇÃO HUMANIZADORA

Marília Ferreira Sena¹; Waleska Ramona Lima Carneiro²; Najla Almeida Marques Pereira³;
Antonio Luiz de Oliveira Barreto⁴.

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará,
Brasil, marilia.sena@aluno.uece.br

²Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE),
waleska.ramona@aluno.uece.br

³Professora da Rede Municipal de Fortaleza, najlaalmeida.1@gmail.com

⁴Professor do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE),
antonio.barre@uece.br

Introdução

Este artigo nasce do incômodo onde a organização do espaço escolar brasileiro, que ainda carrega as marcas de uma herança colonial, estabeleceu uma “hierarquia rígida” entre o saber científico-pedagógico e o saber prático-operacional, fragmentando o ambiente educativo e se apresenta como um desdobramento da pesquisa apresentada no XV Fórum Internacional de Pedagogia (FIPED), intitulada "O papel dos funcionários da escola na construção de uma educação antirracista" (Sena; Santana; Antunes, 2025), buscamos refletir sobre a necessidade urgente de resgatar a humanização como um passo essencial para a emancipação, conforme preconizado por Freire (1997). Para ele, a educação como prática da liberdade exige diálogo e reconhecimento do outro como sujeito; portanto, as trocas cotidianas de afeto, os conselhos e as mediações de conflitos realizadas por esses funcionários não são detalhes sem importância, mas centrais na formação de uma consciência crítica. Nesse sentido, as contribuições de Cristina Jesus dos Santos (2022) tornam-se indispensáveis, pois ao analisar o papel das merendeiras, ela demonstra que essas profissionais mobilizam saberes ancestrais e científicos que são frequentemente silenciados por estruturas de poder racistas, classistas e sexistas que invalidam conhecimentos fora do eixo acadêmico formal.

A divisão social e técnica do trabalho, discutida pelas autoras Jackeline Oliveira Silva, Nedir Santana de Melo e Ana Cláudia Leal de Vasconcelos (2014) produz uma "astúcia invisível" onde a atuação de merendeiras, vigilantes, porteiros e auxiliares de manutenção é sistematicamente reduzida à dimensão puramente manual, ignorando a intelectualidade e a intencionalidade presentes em cada uma de suas ações. Ao desconsiderar que a educação acontece em todos os espaços da escola, desde o portão até o refeitório, a instituição reforça um processo de desumanização que "coisifica" esses profissionais, tratando-os como meros recursos de infraestrutura e não como sujeitos políticos e pedagógicos fundamentais na construção da subjetividade dos estudantes.

Na pesquisa anterior constatamos o papel importante que os funcionários da escola têm na educação e na formação humana dos estudantes, através das interações diárias, seus saberes, culturas, crenças, histórias, modas etc. Pensando nessa relação, aqui temos o objetivo de refletir acerca da humanização a partir da relação circular de funcionários-estudantes no ambiente escolar.

Metodologia

Esse texto trata-se de uma pesquisa qualitativa, feita a partir do método bibliográfico, já que houve um mapeamento de textos que abordam assuntos como humanização, educação escolar e funcionários da escola. Portanto, contamos com a contribuição de autores e autoras como Freire (1987; 1997), Santos (2022), Silva, Melo e Vasconcelos (2014) e hooks (2019) para dialogar com os achados expostos na pesquisa inicial intitulada "O papel dos funcionários da escola na construção de uma educação antirracista" (Sena; Santana; Antunes, 2025).

Desenvolvimento

Percebemos na pesquisa anterior um distanciamento das(os) funcionárias(os) de momentos de formações e projetos realizados pela escola, na maioria das vezes justificado pela suas ocupações, por não terem tempo ou não poderem sair de seus postos. Notamos que essa falta de inclusão das(os) funcionárias(os) nos momentos pedagógicos acontece principalmente pela crença de que seus serviços tratam-se apenas de um serviço de mão de obra operacional, ignorando que são trabalhos que também possuem intelectualidade, intencionalidade, subjetividade e afeto (Sena; Santana; Antunes, 2025).

A "astúcia invisível" discutida por Silva, Melo e Vasconcelos (2014) opera justamente ao esconder a intelectualidade presente no conselho dado no corredor ou na mediação feita no portão, ou seja, quando esses profissionais têm a função reduzida apenas ao trabalho manual, a instituição acaba por desconsiderar suas dimensões subjetivas e educativas, contribuindo para um processo de desumanização, como afirma Freire (1997), o homem se desumaniza quando é submetido a situações que o transformam em um ser para o outro, ou seja, quando diminuímos esses funcionários apenas aos seus serviços estamos negando a eles, e portanto a nós mesmo, o direito de ser.

Notamos também que os funcionários que atuam em funções consideradas técnicas estabelecem relações significativas com os estudantes, envolvendo cuidado, escuta e construção de confiança, relações que educam e formam humanamente os(as) estudantes. Em Pedagogia do oprimido, Freire (1987) defende a importância da comunhão com o povo para a luta da emancipação. A partir do momento em que ignoramos a existência do outro ao nosso redor e o reduzimos as suas funções, como acontece diariamente com as(os) funcionárias(os) da escola como merendeiras, auxiliares, porteiros e outros funcionários com cargos igualmente invisibilizados, essa comunhão deixa de acontecer. É preciso incentivar o diálogo entre os funcionários com os professores, coordenadores, diretores e principalmente valorizar os que acontecem diariamente com as crianças, permitindo a todos conhecer e pensar criticamente as condições concretas de sua realidade, já que, assim como afirma Freire (1997), é preciso estar inserido na realidade para nos tornarmos sujeitos ativos e modificadores.



Observamos também que, quando iniciativas formativas voltadas à temática étnico-racial ocorrem, seus impactos são significativos tanto para os estudantes quanto para os próprios funcionários. Conectando aos estudos de Santos (2022) que defende que funcionários como as merendeiras e profissionais de apoio detêm saberes que misturam técnica, ancestralidade e afeto. Santos (2022) utiliza o conceito de "escrivência" para mostrar que a história de vida desses sujeitos, em sua maioria não-brancos, é por si só um material pedagógico rico, defende que o conhecimento e o trabalho das merendeiras têm potencial para complementar o trabalho das(os) professoras(es) em sala de aula. Em contrapartida, Sena, Santana e Antunes (2025) apontam que a participação dos funcionários nesses momentos ainda é limitada, tanto no que diz respeito a desfrutar desses momentos quanto as suas colaborações, revelando uma estrutura que, ao mesmo tempo em que propõe uma educação antirracista, não garante sua efetivação em todos os sujeitos da escola.

Vendo esse contexto, percebemos que a exclusão contribui para a manutenção de um lugar de silenciamento. "Erguer a voz" de bell hooks (2019) dialoga conosco ao compreender o ato de falar como um movimento político de passagem da condição de objeto à de sujeito. Ao mesmo tempo, ao considerar que o amor também implica compromisso com a justiça, o respeito e a transformação social, percebe-se que a ausência desses trabalhadores nos espaços formativos limita não apenas sua atuação, mas também o potencial da escola de se constituir como uma comunidade de cuidado.

Nos apoiamos no que defende Santos (2022) e hooks (2019) para argumentar que é preciso explorar o potencial dos saberes possuídos pelos demais funcionários, tanto aqueles necessários para a realização de seus trabalhos como os demais conhecimentos como o de mundo, de moda, de religião, de cultura, dentre outros pois é apenas com toda a escola trabalhando em conjunto que será possível ações educativas realmente libertadoras.

Considerações finais

No desenvolver dessa pesquisa, concluímos que a educação aparece como prática que atravessa o cotidiano e as relações, dentro disso está cuidado, a escuta e o diálogo. Movimentos esses que são praticados diariamente pelos funcionários da escola, onde impactam de forma precisa na formação humana dos estudantes. A pesquisa de Sena, Santana e Antunes (2025) reforça a importância dessas presenças no ambiente escolar. Esses sujeitos mobilizam saberes construídos afetuosamente nas trocas diárias, na cultura e na ancestralidade.

Entretanto, a escola mantém esses profissionais fora dos espaços formativos. A instituição reduz suas funções ao trabalho técnico-operacional e essa lógica apaga sua dimensão pedagógica, sustentando processos de invisibilização. Com isso, a inclusão desses profissionais nos processos formativos torna-se necessária, pois a valorização dos mesmos fortalece a construção de uma educação verdadeiramente humanizadora, crítica e antirracista.

Palavras-Chave: Funcionários da escola; Educação como prática de liberdade; Educação escolar

Referências Bibliográficas

HOOKS, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17 ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987

FREIRE, Paulo. Papel da Educação na Humanização. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 7, p. 9-17, jan./jun. 1997.

SANTOS, Cristina Jesus dos. **O papel das merendeiras na educação escolar em Itabuna-BA**: alimentação, implicações raciais, de gênero e classe social. 2022. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ensino e Relações Ético-Raciais, Universidade Federal do Sul da Bahia, Itabuna, 2022. Disponível em: https://sig.ufsb.edu.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=pt_BR&id=234. Acesso em: 22 set 2025.

SENA, Marília Ferreira; SANTANA, Juliana Silva; ANTUNES, Gabriele da Silva. O papel dos funcionários da escola na construção de uma educação antirracista. In: XV FÓRUM INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA – XV FIPED, 2025, Serra Talhada, PE. **Anais [...]**. Serra Talhada, PE: Even3, 2025. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/xv-forum-internacional-de-pedagogia-xv-fiped-502395/1145728-o-papel-dos-funcionarios-da-escola-na-construcao-de-uma-educacao-antirracista>.

SILVA, Jackeline Oliveira; MELO, Nedir Santana de; VASCONCELOS, Ana Cláudia Leal de. A astúcia invisível de mulheres trabalhadoras de escola. **Psicologia em Revista**, v. 20, n. 3, p. 427-445, 2014.

